

PATRICIA HIGHSMITH

# O TALENTOSO RIPLEY

*Tradução*  
Alvaro Hattner



Copyright © 1993 by Diogenes Verlag AG Zürich  
Originalmente publicado em 1955

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The talented Mr. Ripley

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Carlos Alberto Inada

Alexandre Barbosa de Souza

*Revisão*

Adriana Moretto de Oliveira

Larissa Lino Barbosa

*Atualização ortográfica*

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Highsmith, Patricia, 1921-1995.

O talentoso Ripley / Patricia Highsmith; tradução Alvaro  
Hattner. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: The talented Mr. Ripley

ISBN 978-85-359-2051-2

1. Ficção policial e de mistério: Literatura (norte-americana)
2. Romance norte-americano I. Título.

12-00644

CDD-813.0872

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério: Literatura norte-americana 813.0872

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhidasletras.com.br](http://www.companhidasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

**TOM OLHOU PARA TRÁS** e viu o homem saindo do Green Cage, andando em sua direção. Tom começou a andar mais depressa. Não havia dúvida de que o homem o estava seguindo. Tom havia reparado nele uns cinco minutos antes, observando-o atentamente de uma mesa, como se não estivesse *bem* certo, mas quase. O homem pareceu estar bastante seguro do que via, e Tom terminou seu drinque apressadamente, pagou e saiu.

Na esquina Tom curvou-se para a frente e apertou o passo para atravessar a Quinta Avenida. Avistou o Raoul's. Deveria se arriscar e entrar para mais um drinque? Jogar com a sorte e tudo o mais? Ou será que deveria ir direto para a Park Avenue, para tentar despistar o sujeito, escondendo-se em algum vão de entrada escuro? Ele entrou no Raoul's.

Enquanto se dirigia a um lugar vago no balcão do bar, automaticamente olhou à sua volta para descobrir se havia alguém que conhecesse. O sujeito grandão ruivo, cujo nome ele sempre esquecia, estava em uma das mesas com uma loira. O ruivo acenou para ele e, em resposta, a mão de Tom ergueu-se com alguma hesitação. Ele apoiou uma das pernas sobre o banquinho e fixou os olhos na porta em uma atitude de desafio, mas que ao mesmo tempo tentava ser natural.

“Gim-tônica, por favor”, disse ao *barman*.

Era esse o tipo de homem que mandariam atrás dele? Será que era, ou não era, ou era? Ele não se parecia de forma alguma com um policial ou um detetive. Parecia um homem de negócios, um pai de família, bem-vestido, bem alimentado, começando a ficar grisalho nas têmporas, um ar de incerteza no semblante. Será que era esse o tipo que eles mandavam para um serviço como aquele, talvez para puxar conversa em um bar e, de repen-

te, *crau!* — a mão no ombro, na outra mão o distintivo da polícia. *Tom Ripley, você está preso.* Tom continuou de olho na porta.

E lá veio ele. O sujeito olhou ao redor, viu-o e imediatamente desviou o olhar. Tirou o chapéu e arrumou um lugar na volta que o balcão fazia.

Meu Deus, o que será que ele quer? Com certeza não era um *perverso*, Tom pensou pela segunda vez, ainda que só agora a palavra tivesse aparecido em sua mente torturada, como se pudesse protegê-lo, porque ele preferia que o sujeito fosse um perverso, e não um policial. Para um perverso ele simplesmente poderia dizer: “Não, obrigado”, sorrir e ir embora. Tom acomodou-se no banquinho e ficou preparado.

Viu o homem fazer um gesto para o *barman* de que não iria pedir nada agora e começou a vir em sua direção. Pronto! Tom o encarou, paralisado. Não pegaria mais do que quinze anos, pensou. Talvez quinze, mas com bom comportamento... No instante em que os lábios do homem se abriram para falar, Tom sentiu uma leve pontada de remorso, desesperado e angustiante.

“Com licença, você é Tom Ripley?”

“Sou.”

“Meu nome é Herbert Greenleaf. Pai de Richard Greenleaf.” A expressão no rosto do homem era mais confusa para Tom do que se ele estivesse com uma arma na mão. O rosto era amigável, sorridente e esperançoso. “Você é amigo de Richard, não é?”

Uma luzinha se acendeu em seu cérebro. Dickie Greenleaf. Um sujeito alto e loiro. Tom lembrou-se de que ele tinha um bocado de dinheiro. “Ah, Dickie Greenleaf. Claro.”

“De qualquer forma, você conhece Charles e Marta Schriever. Foram eles que me falaram sobre você, que você poderia... bem... Podemos ir para uma das mesas?”

“Claro”, disse Tom, pegando seu drinque. Ele seguiu o homem, que se dirigiu a uma mesa vazia nos fundos do pequeno salão. A sentença havia sido adiada, pensou. Livre! Ninguém ia prendê-lo. Aquilo deveria ser alguma outra coisa. Fosse o que fosse, não se tratava de desfalque ou de violação de correspondência, ou seja lá que nome dessem. Talvez Richard estivesse metido em

alguma encrenca. Talvez o sr. Greenleaf quisesse ajuda, ou algum conselho. Tom sabia exatamente o que dizer para um pai como o sr. Greenleaf.

“Eu não tinha muita certeza se você era Tom Ripley”, começou o sr. Greenleaf. “Acho que o vi apenas uma vez. Você não esteve em minha casa com Richard?”

“Acho que sim.”

“Os Schriever também me passaram uma descrição sua. Nós todos estávamos tentando encontrar você, porque os Schriever queriam que nos encontrássemos na casa deles. Alguém disse a eles que você ia ao Green Cage de vez em quando. Hoje foi a primeira noite em que saí para procurá-lo, então acho que minha sorte está em alta.” Ele sorriu. “Escrevi-lhe uma carta na semana passada, mas acho que você não a recebeu.”

“Não, não recebi.” Marc não estava reenviando a correspondência. Desgraçado. Talvez tivesse recebido um cheque da tia Dottie. “Eu me mudei há mais ou menos uma semana”, Tom acrescentou.

“Ah, certo. Eu não dizia muita coisa na carta. Apenas que gostaria de me encontrar com você para conversar. Os Schriever pareciam achar que você conhecia Richard muito bem.”

“Sim, eu me lembro dele.”

“Mas não se corresponde com ele?” Ele pareceu desapontado.

“Não. Não vejo Dickie faz alguns anos.”

“Ele está na Europa há uns dois anos. Os Schriever falaram muitíssimo bem de você e acharam que você poderia ter alguma influência sobre Richard, caso escrevesse para ele. Quero que ele volte para casa. Ele tem obrigações aqui — mas no momento ignora qualquer coisa que eu ou a mãe dele tentemos lhe dizer.”

Tom estava intrigado. “O que exatamente os Schriever disseram?”

“Eles disseram — ao que parece exageraram um pouco — que você e Richard eram bons amigos. Suponho que deram por certo que você estava se correspondendo com ele. Sabe, não sei mais nada sobre os amigos de Richard...” Ele olhou para o copo

de Tom, como se quisesse lhe oferecer pelo menos um drinque, mas o copo de Tom ainda estava quase cheio.

Tom lembrou-se de ter ido a um coquetel na casa dos Schriever com Dickie Greenleaf. Talvez os Greenleaf fossem mais amigos dos Schriever do que ele, pelo menos era o que parecia, porque ele não havia visto os Schriever mais do que três ou quatro vezes na vida. E a última vez, pensou Tom, foi na noite em que calculou o imposto de renda de Charley Schriever. Charley era diretor de televisão e estava completamente atrapalhado com a própria contabilidade. Charley achou que Tom era um gênio por ter mostrado que ele poderia pagar muito menos imposto do que havia calculado, e de maneira perfeitamente legal. Talvez tenha sido por isso que Charley prontamente o recomendou ao sr. Greenleaf. Julgando-o pelo acontecido naquela noite, pode ser que Charley tenha dito ao sr. Greenleaf que Tom era inteligente, sensato, escrupulosamente honesto e sempre pronto para prestar um favor. O que era um pequeno engano.

“Suponho que você não conheça ninguém mais que seja próximo de Richard e que possa ter alguma influência sobre ele”, lamentou o sr. Greenleaf.

Havia Buddy Lankenau, pensou Tom, mas não ia jogar um abacaxi daqueles para Buddy. “Acho que não”, respondeu Tom, balançando a cabeça. “Por que Richard não quer vir para casa?”

“Ele diz que prefere viver por lá. Mas agora a mãe dele está muito doente. Bem, isso é um problema de família. Lamento incomodá-lo com isso.” Passou a mão no cabelo grisalho e bem penteado, de uma maneira que mostrava seu tormento. “Ele diz que está pintando. Não há nada de errado nisso, mas ele não tem talento para ser pintor. Mas tem muito talento para projetar barcos, se se dedicasse a isso.” Ergueu os olhos quando um garçom falou com ele. “Uísque e soda, por favor. Dewar’s. Quer outro?”

“Não, obrigado”, disse Tom.

O sr. Greenleaf olhou para Tom com uma expressão de pesar. “Você é o primeiro dos amigos de Richard que não se incomoda de ouvir o que estou dizendo. Todos os outros pensam que estou tentando interferir na vida dele.”

Tom conseguia entender aquilo facilmente. “Eu realmente gostaria de poder ajudar”, disse com educação. Ele havia se lembrado que o dinheiro de Dickey vinha de uma companhia construtora de barcos. Pequenos veleiros. O pai sem dúvida queria que ele voltasse para assumir os negócios da família. Tom sorriu de maneira inexpressiva para o sr. Greenleaf e terminou seu drinque. Estava pronto para ir embora, mas o desapontamento do outro lado da mesa era quase palpável. “Em que lugar da Europa ele está?”, perguntou Tom, sem se importar a mínima com a resposta.

“Em uma cidadezinha chamada Mongibello, ao sul de Nápoles. Ele me contou que não há nem mesmo uma biblioteca. Passa o tempo velejando e pintando. Comprou uma casa lá. Richard tem renda própria — nada muito expressivo, mas, ao que parece, suficiente para que continue vivendo na Itália. Bem, gosto não se discute, mas realmente não consigo perceber que atrativos pode ter aquele lugar.” O sr. Greenleaf sorriu, aparentemente resignado. “Posso lhe pagar uma bebida?”, perguntou quando o garçom trouxe o uísque com soda.

Tom queria ir embora. Mas não gostava da ideia de deixar o homem sentado sozinho com uma bebida que acabara de chegar. “Obrigado, vou aceitar”, disse, passando seu copo ao garçom.

“Charley Schriever contou-me que você estava no ramo de seguros”, continuou o sr. Greenleaf em tom amável.

“Isso foi há algum tempo. Eu...” Mas ele não queria dizer que trabalhava para a Receita Federal, não agora. “Atualmente estou no departamento de contabilidade de uma agência de publicidade.”

“É?”

Os dois ficaram em silêncio por um minuto. Os olhos do sr. Greenleaf haviam se fixado sobre ele com uma expressão patética e ansiosa. Que mais ele poderia dizer? Tom arrependeu-se de ter aceitado o drinque. “Qual a idade de Dickie agora?”, perguntou.

“Vinte e cinco.”

A mesma que a minha, pensou Tom. Dickie provavelmente estava se divertindo como nunca por lá. Tinha dinheiro, uma casa, um barco. Por que iria querer voltar? O rosto de Dickie estava

se tornando cada vez mais nítido em sua lembrança: o sorriso largo, o cabelo loiro ondulado, o rosto de quem estava de bem com a vida. Dickie tinha sorte. O que ele, Tom, estava fazendo aos vinte e cinco anos? Sobrevivendo e pensando na semana seguinte. Sem conta bancária. Fugindo da polícia pela primeira vez na vida. Tinha talento para a matemática. Por que diabos não conseguia ganhar dinheiro com aquilo em algum lugar? Tom percebeu que todos os seus músculos haviam ficado tensos, e que a cartelinha de fósforos que tinha entre os dedos estava completamente amassada. Estava cheio, de saco muito cheio, muito cheio, muito! Queria voltar para o balcão e ficar sozinho.

Tom sorveu um gole de seu drinque. “Terei prazer em escrever para Dickie, se o senhor me der o endereço”, disse rapidamente. “Acho que ele vai se lembrar de mim. Lembro-me de que certa vez fomos a uma festa em um fim de semana em Long Island. Dickie e eu saímos e pegamos mexilhões, que todos comeram no café da manhã.” Tom sorriu. “Alguns passaram mal, e a festa não foi muito boa. Mas me lembro de Dickie naquele fim de semana falando sobre ir para a Europa. Ele deve ter ido logo que...”

“Eu me lembro!”, disse o sr. Greenleaf. “Aquele foi o último fim de semana que Richard ficou aqui. Acho que ele me contou sobre os mexilhões.” Ele deu uma gargalhada bem alta.

“Cheguei a ir até seu apartamento algumas vezes também”, Tom continuou, acompanhando o entusiasmo de Greenleaf. “Dickie me mostrou alguns modelos de navios que estavam sobre uma mesa no quarto dele.”

“Aqueles eram apenas esboços infantis!” O sr. Greenleaf estava radiante. “Ele chegou a lhe mostrar os modelos de estrutura? Ou os desenhos?”

Não, Dickie não os havia mostrado, mas Tom disse alegremente: “Mostrou! Claro que sim. Desenhos a bico de pena. Alguns deles eram fascinantes”. Tom nunca os tinha visto, mas podia vê-los agora, desenhos de grande precisão, as linhas nítidas de cada porca, cada parafuso, podia ver Dickie sorrindo, erguendo-os para que ele pudesse ver, e ele poderia passar muito tempo descrevendo os detalhes para o deleite do sr. Greenleaf, mas se conteve.



“Sim, Richard tem talento para isso”, completou o sr. Greenleaf com ar satisfeito.

“Acho que sim”, concordou Tom. Sua chateação havia entrado em outro estágio. Tom conhecia a sensação. Às vezes ela aparecia em festas, mas geralmente quando estava jantando com alguém com quem ele não queria estar jantando, e a noite se prolongava demais. Então ele poderia se tornar exageradamente educado por, talvez, mais uma hora, se tivesse que fazer isso, antes que algo explodisse nele e o fizesse sair correndo pela porta. “Lamento que eu não esteja livre no momento, do contrário talvez eu pudesse ir até lá e tentar convencer Richard a voltar. Talvez eu tivesse alguma influência sobre ele”, disse, apenas porque o sr. Greenleaf queria que ele dissesse aquilo.

“Se você realmente acha que sim... isto é, não sei se você está planejando ir para a Europa ou não.”

“Não, não estou.”

“Richard sempre foi influenciado pelos amigos. Se você ou alguém que o conheça como você pudesse conseguir uma licença do emprego, eu poderia mandá-lo para conversar com ele. Acho que valeria mais do que se eu mesmo fosse. Você não conseguiria uma licença agora, conseguiria?”

O coração de Tom de repente acelerou. Tom assumiu uma expressão de reflexão. Era uma possibilidade. Alguma coisa nele havia pressentido aquilo e apreendido a oportunidade antes que seu cérebro o fizesse. Emprego atual: nenhum. De qualquer forma, ele teria que sair da cidade em breve. Queria sair de Nova York. “Talvez eu consiga”, respondeu cuidadosamente, com a mesma expressão de quem está ponderando sobre algo, como se analisasse milhares de pequenos compromissos que poderiam impedi-lo de viajar.

“Se você realmente fosse, eu teria prazer em pagar todas as despesas, acho que nem preciso dizer isso. Você realmente acha que poderia conseguir? Digamos, neste outono?”

Já estavam em meados de setembro. Tom olhou fixamente para o anel com um sinete dourado e um emblema gasto no dedo mínimo do sr. Greenleaf. “Acho que sim. Será um prazer rever Richard — especialmente se o senhor acha que poderei ajudar.”

“Acho, sim! Acho que ele o escutará. Além disso, o simples fato de você não o conhecer direito... Se você for convincente ao dizer por que acha que ele deve voltar para casa, ele vai perceber que você não tem nenhuma motivação pessoal para isso.” O sr. Greenleaf recostou na cadeira, olhando para Tom com aprovação. “Que coisa engraçada, Jim Burke e a mulher — Jim é meu sócio —, eles estiveram em Mongibello no ano passado, durante um cruzeiro. Richard havia prometido que voltaria para casa no início do inverno. Do inverno passado. Jim acabou desistindo de falar com ele. Que rapaz de vinte e cinco anos dá ouvidos a um homem de sessenta ou mais? Você provavelmente vai ser bem-sucedido onde todos nós falhamos!”

“Espero que sim”, disse Tom com modéstia.

“Que tal outro drinque? Que tal um bom conhaque?”